

O GADO NATIVO DO BRASIL:

As Supostas Raças Bovinas

OCTAVIO DOMINGUES

RAÇAS NATIVAS

A denominação “raças nacionais”, usada pela primeira vez, creio, por ANTONIO DA SILVA NEVES (1918) — sempre me pareceu imprópria (*). Aliás A. S. NEVES fez certa ressalva ao nomeá-las como “sub-raças ou raças nacionais, pelo modo que popularmente se conhecem”. Sua ressalva parece clara ao explicar que “raças nacionais” é a denominação pela qual **popularmente são conhecidas**, segundo êle.

Na verdade, as raças chamadas nacionais não pertencem à Nação (**). Pertencem ao país, à região onde se formaram, produzidas pela ação seletiva do ambiente. São, melhor dizendo, **raças nativas** (***), que parece denominação muito mais apropriada.

O gado nativo seria então uma população de certa espécie doméstica, mais ou menos insulada em determinada região, ou regiões, de tal sorte a apresentar características próprias por via de sua origem e da influência do meio resultantes da adaptação dos animais aí introduzidos, e entregues mais ou menos à seleção natural com intervenção parcial, ou não, de homens.

Nossas raças nativas são, pois, raças **naturais**, no sentido de H. SETTEGAST (1878) ou ainda raças **mesológicas**, segun-

(*) Pondo de lado aquela remota referência de LYRIO FERDINAND sobre “raças brasileiras” e “castas nacionais”, pois se trata de uma primitiva enumeração das raças de gado bovino conforme o Estado (divisão política) onde elas se deparam.

(**) Significado do adjetivo **nacional** (ver os dicionários).

(***) Produzido pela ação da natureza (ver os dicionários).

do a classificação mais recente de GUMERCINDO APARÍCIO (1946). Não se trata, todavia, de raças **primitivas**, mas sim de raças **derivadas**, no conceito que NATHUSIUS deu a essa expressão; pois descendem ou derivam, das raças introduzidas remotamente, em variadas épocas, no Brasil, pelos colonizadores e povoadores.

Essas raças nativas para serem convenientemente estudadas devem ser divididas em dois grupos, de certo modo bem distintos:

1. Raças nativas mesológicas
2. Raças nativas melhoradas

As raças nativas **mesológicas** se caracterizam por serem um produto da influência do ambiente brasileiro, sob variada modalidade, conforme a região onde se processou a formação delas. Em outras palavras, são o resultado de um processo de seleção natural, no qual a intervenção do homem não parece ter agido.

São raças consideradas sem muita atração econômica ou sem nenhuma mesmo. Sua conservação quase que só se impõe como defesa de um patrimônio, que constituiu a riqueza pecuária de certo estágio de nossa evolução econômica.

Nêste primeiro grupo devem ser citadas as seguintes raças:

Bovinas: Curraleira e Crioula, Malabar, Franqueira e Junqueira.

Supostas raças: Guadamar, China, Patauá, Pedreiro, Pantaneiro, Jaguanez, Baía e outras.

Equinas: Cavalo Nordestino, Cavalo Pantaneiro.

Asininas: Jumento do Nordeste.

Ovinas: Carneiro Deslanado de Morada Nova.

Caprinas: Moxotó, Marota e Surrão.

Sufnas: Furão.

As raças nativas **melhoradas** são aquelas que foram submetidas a um processo de melhoramento (ou estão passando por êle), graças à intervenção do homem, que verificou haver em selecioná-las, melhorando sua capacidade produtiva, seu valor econômico. Isto com o fito de torná-las capazes de serem exploradas vantajosamente, por vêzes em competição com as raças importadas, e conservadas puras ou em mestiçagem dirigida ou consentida.

Sua seleção tem sido e ainda é motivo de controvérsias, e em vista de não terem, algumas delas, correspondido ao que se esperava como expressão pecuária.

Neste segundo grupo devem ser citadas as seguintes raças:

Bovinas: Caracu e Môcha.

Equinas: Crioula, Cavalo Mangalarga Paulista e Cavalo Marchador Mangalarga.

Asininas: Pêga e Jumento Brasileiro.

Sumas: Piau, Pirapitinga, Canastra, e ainda Nilo, Nilo-Canastra, Caruncho, Tatu, Pereira, Canastrão.

SUPOSTAS RAÇAS BOVINAS

O que chamo de **supostas raças bovinas** corresponde a simples denominações encontradas em autores, que trataram deste assunto, como o citado ANTÔNIO DA SILVA NEVES, e ainda N. ATHANASSOF, ARROJADO LISBOA, R. E. FERREIRA DE CARVALHO e poucos mais, estes últimos sem nenhuma originalidade a mais.

Digo simples denominações, porque elas não passam de nomes dados arbitrariamente a certos grupos ou mesmo a simples animais que, de nenhum modo, podem constituir uma população capaz de suportar um exame em face daquele conceito que devemos fazer de raça nativa. Senão vejamos.

Guadamar — Em verdade não é mais do que uma corrute-la de **Godman**, nome de um touro, dito Nelore, que foi vendido com uma vaca da mesma raça, como despojos de um navio leiloado com sua carga, para pagamento de dívidas contraídas na sua permanência na Bahia, em cujo pôrto arribou tocado pelo mau tempo. Godman era o nome do comandante do navio. O casal de Zebus, afirma-se, era um presente para a rainha Vitória, pois isto ocorreu por volta de 1870. Dêsse touro tirou-se descendência mestiça cujos machos eram reputados como bois carreiros (L. O. MENDES, 1942), mas da qual não seria possível surgir uma população de bovinos, com novas características a ponto de constituir-se uma raça. O nome do touro divulgou-se para nomear êsses mestiços, cuja características desapareceram, como seria natural, na voragem da mestiçagem. Pois bem, até etimologia indígena arranjou-se, e assim é que no Dicionário de JAYME SEGUIER encontra-se o verbo **Guademá** com o significado de gato do mato... E há ou-

tras explicações de natureza etimológica, para essa palavra, que fazem rir.

Diversas são as sinonímias para designar essa suposta raça: Guademá, Goademan, Godmale, Gôdemá...

De outras supostas raças ainda se exibem uma ou outra fotografura, como a seguir veremos — mas do suposto Guademar, nunca deparei com nenhum na bibliografia disponível.

China — Pela ilustração, que se depara em N. ATHANASSOF (1947), vê-se bem que se trata de uma fotografia de vaca mestiça indiana, subnutrida, com seu desenvolvimento prejudicado por isto mesmo. Abandonada à criação livre em campos de Mato Grosso, provávelmente inferiores, tais mestiços de nenhum modo podem ser considerados uma raça, a meu ver, pois os que a ela se referem indicam vagamente sua existência aqui ou ali, mas sem nenhuma comprovação. Mesmo a comprovação através da tradição oral idônea.

Em geral, os mestiços de Zebu com gado crioulo, criados sem manêjo, podem se apresentar com essa feição. Trata-se de um estágio no processo de degeneração e desaparecimento dessa população mestiça.

Porém o melhor argumento, talvez seja explicar a origem da palavra. Na verdade, informa R. E. FERREIRA DE CARVALHO (1906) que “china” ou “chino”, em linguagem castelhana choia, quer dizer **mestiço**, seja filho de branco com índia, seja o gado, quando produto também de cruzamento.

Patauá — N. ATHANASSOF descreve esta suposta raça como um gado de estatura pequena, e estampa um macho e uma fêmea, que estão longe de apresentarem a mesma caracterização. A vaca está muito mais próxima da suposta raça China, como mestiça que é de Zebu com gado crioulo, do qual parece ter maior carga de sangue. E o touro estampado não passa de um caso de nanismo.

Aqui também há sinonímias tais como Igarapé, Nanica, Guarapeva.

Pela sinonímia “Nanica” é muito fácil admitir-se que se trata de um caso, como foi dito, de nanismo não raro em Bovinos, como sabemos; e a fotografia do macho é convincente a tal respeito: trata-se de um exemplar de rês anã.

Jaguanez — Este é outro mestiço de Zebu, mas com gao Turino, provavelmente. Por isto é de grande porte, distinguindo-se do mestiço China, não somente pelo porte, mas também devido à pelagem. Aliás o termo Jaguanez é antes uma denominação de pelagem onde repontam partes brancas da raça batávica, através do Turino.

Também aqui citam-se sinonímias como Jaguané e Javanês, para explicar mais e render em explicações sobre origem do gao, no que os autores têm se mostrado férteis. A. S. NEVES vai à Java (ilha) e mesmo a certo distrito de Java, de Moçambique, para determinar a origem dessa suposta raça. Raça que não passa de denominação de certa pelagem bovina.

Raça Báia — Também citada por A. S. NEVES. Trata-se, do mesmo modo, de uma forma de pelagem, muito fácil de encontrar na mestiça nativa. Tanto é assim que o mesmo autor lhe dá as denominações de Alvaça e Melada — indiscutivelmente nomes de coloração do gado bovino.

Pantaneiro — A descrição, decalcada em ARROJADO LISBOA (1909), que ATHANASSOF faz desta suposta raça nativa, filiando-a depois ao *B. t. ibericus* (tronco étnico hipotético, de SANSON) através do “gado Mirandês, raça brava e outras do mesmo tipo étnico” — é uma demonstração de que se trata de mestiços nativos, formados nos pantanais de Mato Grosso (daí o nome) pela mistura do gado ibérico, de variada composição (mestiço por sua vez) ali introduzido. E’ uma população, na verdade, insulada de algum modo, ali. Mas sua heterogeneidade afasta a idéia de raça. Trata-se de uma denominação dada a certo gado, proveniente de determinada procedência.

A explicação de ATHANASSOF, de que devido “aos cruzamentos com outras raças do país, o pantaneiro primitivo se acha consideravelmente modificado” é uma prova da instabilidade étnica dessa população mesma, e de sua incapacidade de ter sido uma raça (ou de vir a ser), na acepção da palavra.

Essa figura de Pantaneiro, que se depara em ARROJADO LISBOA, é bem semelhante à que nos dá, do China, o mesmo autor.

Pedreiro — E’ outra denominação de ARROJADO LISBOA e A. S. NEVES, que ATHANASSOF parece não ter achado merecedora da atenção, que deu a outras. Nem chegou a descre-

vê-la, limitando-se a citá-la no quadro geral, pondo-a no grupo das raças Franqueira, Junqueira e Caracu, do tronco do **B. t. aquitanicus** hipotético, de Sanson.

A. S. NEVES na verdade mistura Pedreiro com uma dúzia de denominações tais como Colônia, Tocoíó, Araçá e Rajadão, Chapadeiro, Bruxo, etc. — numa prova evidente de que são nomes imaginados para nomear gado mestiço heterogêneo, do Brasil Central e até do R. G. do Sul. Cada um desses nomes parte, como se vê, de certo característico do gado (Araçá, Rajadão) ou do lugar onde vive (Chapadeiro, Tocoíó), etc.

Há, porém, um atributo comum a esses gados, segundo o autor o grande porte que, no seu exagêro, A. S. NEVES chega a falar em “casta maioríssima, do mais elevado pêso vivo, dando bois de cem arrobas”. E’ evidentemente, o domínio do fantástico.

Com esta breve análise do que se pretende com esses nomes, dados a certas formas de gado nativo — verifica-se a inconsistência de tais designações, que estão muito longe de corresponder, cada uma, à realidade do que é raça, raça nativa que seja. Assim convém que o estudo ou o simples rol das nossas raças bovinas nativas sejam desembaracados, de modo definitivo, de tais designações, por se tratar verdadeiramente de supostas raças.

LITERATURA CITADA

NEVES, A. da S., 1918 — **Origem provável das raças que povoam o território pátrio.** Secr. de Agricultura, S. Paulo.

MENDES, L. O., 1942 — **A raça Guadamar.** *Agronomia* 1: 80-81, Rio de Janeiro.

ATHANASSOF, N., 1957 — **Manual do Criador de Bovinos,** 5a. ed., São Paulo.

FERREIRA DE CARVALHO, R. E., 1906 — **Promptuario de noções gerais e especiais de zootecnia,** São Paulo.

ARROJADO LISBOA (Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa), 1909 — **Oeste de São Paulo, Sul de Mato Grosso.** Rio de Janeiro.

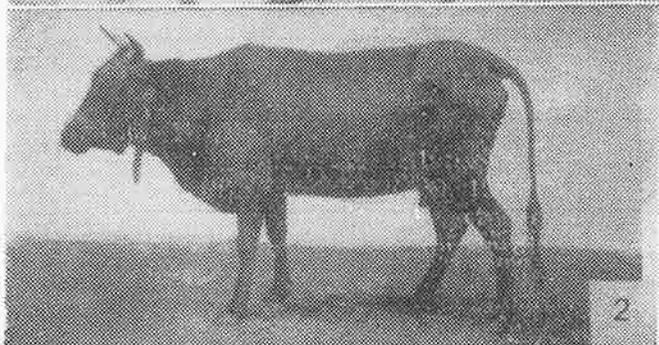


Fig. 1 — Novilhas Junqueiras, Minas Gerais. Seg. A. da SILVA NEVES (est. 14); fig. 2 — vaca China (de ATHANASSOF, fig. 124). Notar a diferença de outra estampa do China, reproduzida de A. LISBOA, adiante (fig.3); fig. 3 — touro China dos campos do rio Aquidauana (reproduzido de ENDLICH). Legenda de A. LISBOA (fig. 32). Mato Grosso. Não tem diferença do touro Pantaneiro de A. LISBOA, da fig. 6.

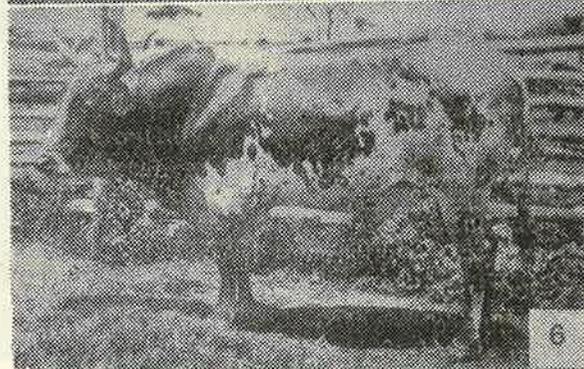
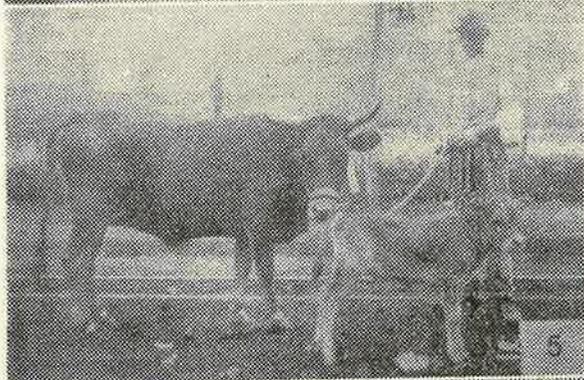
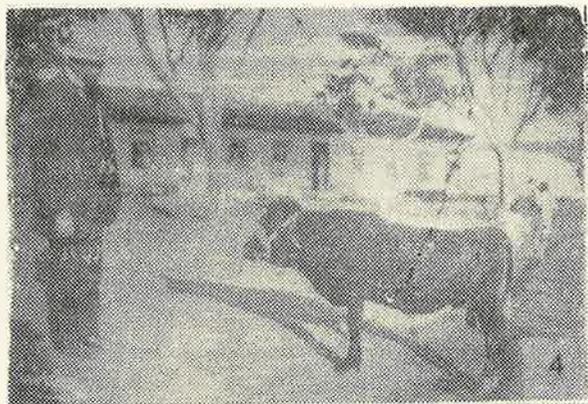


Fig. 4 — Touro Jaguanez, seg. ATHANASSOF (fig. 129);
fig. 5 — vaca Igarapé, de ATHANASSOF (fig. 129a); fig.
6 — touro Pantaneiro selecionado (legenda de A. LISBOA,
fig. 31). Fazenda S. João, Mato Grosso. Não há diferença
do touro China de Endlich, estampado anteriormente
(fig. 3).